



## **A REDAÇÃO DO ENEM: UMA ANÁLISE COM BASE NO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO**

Ma. Danniele Silva do Nascimento <sup>1</sup>  
Dr<sup>a</sup> Regina Celli Mendes Pereira <sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Sabe-se que, no Brasil, de uma maneira geral, para o ingressar a uma instituição de ensino superior, é necessário que os candidatos interessados façam um exame de admissão, o chamado vestibular. Na maioria deles, há a exigência da execução de uma prova discursiva, normalmente uma produção textual com uma estrutura previamente delimitada e um tema surpresa. O Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – é o maior vestibular do Brasil e mobiliza, em média, de quatro a seis milhões de candidatos por edição. Deste contingente, menos de cem conseguem chegar à nota máxima. Em 2019, apenas 53 atingiram essa marca. Isto posto, interessou-nos saber: como os textos considerados excepcionais no Exame Nacional do Ensino Médio se articulam discursivamente?

A partir desta inquietação, idealizamos este trabalho, o qual tem como objetivo investigar quais as marcas linguístico-discursivas que marcam a autoria nos textos padronizados como a redação do ENEM com base nos pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de Bronckart (1999). Para este estudo, selecionamos algumas categorias de análise do ISD, a saber, os tipos de discurso expressos (interativo, teórico, relato interativo e narração), as vozes enunciativas presentes, bem como a existência (ou ausência) de um autor implicado no texto.

Em nosso referencial teórico, buscamos discutir de maneira breve e sucinta as categorias já citadas que nortearam a análise dos excertos da produção selecionada. Por fim, na análise, demonstramos como esses preceitos se mobilizam em uma produção textual considerada prototípica pela banca de avaliação, ou seja, um texto que atendeu a todas as exigências de uma produção para ser considerada de excelência. Como

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UEPB), Mestra em Linguagem, Cultura e Formação docente (PPGFP-UEPB) e, atualmente, doutoranda em Aquisição da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling-UEPB). Contato: danniele91@gmail.com;

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutora em Letras (UFPE), professora da Universidade Federal da Paraíba (UEPB), contato: reginacmps@gmail.com. Trabalho de conclusão da disciplina de Tópicos de Escrita.



metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa, em que selecionamos excertos do texto analisamos linguisticamente as categorias selecionadas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Bronckart compreende o texto como uma construção em formato de folhado textual. Folhado esse constituído por uma sobreposição de três camadas: a primeira, corresponde à infraestrutura geral do texto; a segunda, consiste nos mecanismos de textualização e a terceira camada compreende os mecanismos enunciativos. Essas três camadas estão organizadas em caráter hierárquico, mas são interdependentes. De acordo com BRONCKART (1999, p.120), a infraestrutura é a camada mais profunda do folhado. Ela é constituída “pelo plano mais geral do texto, pelos tipos de discurso que comporta, pelas modalidades de articulação entre esses tipos de discurso e pelas sequências que nele eventualmente aparecem” (BRONCKART, 1999, p.120).

Já os mecanismos de textualização consistem na camada intermediária do folhado textual e envolvem a conexão e a coesão, que pode ser nominal e verbal. Esses articuladores criam séries isotópicas, as quais corroboram para definir, a coerência temática do texto. Segundo KLAUTAU (2011, p.191), a conexão é realizada por organizadores textuais, a saber, conjunções, advérbios e suas locuções. Esses marcadores contribuem para marcar as articulações da progressão temática. Por fim, o terceiro e último nível do folhado textual é aquele que dá conta dos mecanismos enunciativos – as vozes e as modalizações. Esses mecanismos compõem a camada mais superficial do folhado textual e cooperam, conforme KLATAU (2011, p.192), para o “estabelecimento da coerência pragmática (ou interativa) do texto”. Além disso, as vozes também “contribuem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos” (KLATAU, 2011, p.192).

Ao lermos o texto corpus, percebemos a necessidade de analisar o discurso nele impresso. Dessa maneira, julgamos necessário explicitar o que entendemos por discurso e quais podem existir ou coexistir em um texto. Segundo MACHADO (2005, p. 242), para o ISD, “os tipos de discurso são segmentos de texto, ou até mesmo o texto inteiro, que apresentam características próprias em diferentes níveis”. Ainda sobre os tipos de discurso, BRONCKART (1999, p.149) assinala que eles

são formas linguísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos



articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência sequencial e configuracional. (BRONCKART, 1999, p.149)

Esses tipos de discursos aparecem como formas observáveis e a partir deles – e de suas marcas linguísticas – podemos começar a caracterizar os gêneros de textos. Em linhas gerais, com base em MACHADO (2005, p.244 e 245), podemos caracterizar os quatro tipos de discursos, consoante ao que postula o ISD, da seguinte forma:

- Discurso interativo: expressa-se a partir da presença de formas verbais (presente, futuro perifrástico e imperativo) e de pronomes de 1ª e 2ª pessoa, os quais indicam a participação da interação (enunciador e destinatário);
- Discurso teórico: acontece quando não há presença de marcas de referência de participantes, tempo e espaço de produção. Não é necessariamente um texto científico;
- Discurso relato interativo: ocorre por meio da presença de formas verbais e pronomes de 1ª pessoa. Tais formas conferem uma relação de implicação do enunciador, além disso, no relato interativo, os fatos enunciados acontecem nos tempos pretérito perfeito e imperfeito (ao contrário do discurso interativo em que os fatos estão no presente ou futuro);
- Discurso narrativo: No discurso narrativo, não existem unidades linguísticas referentes a participantes da interação, ao tempo ou ao espaço de produção, estabelecendo uma relação de autonomia. Normalmente, as referências temporais estão no presente, embora reflitam fatos passados (tempo disjunto do momento de produção).

Em nossa análise, selecionamos e analisamos alguns excertos da produção textual a fim de caracterizar qual o tipo de discurso predominante na produção *corpus* e tentamos inferir porque este tipo discursivo parece conferir ao texto mais qualidade enunciativa, visto que foi avaliado como excelente. Outra categoria de análise do ISD que consideramos relevante para a discussão são as diferentes vozes presentes em um texto. Tais vozes são orquestradas pelos ‘mundos virtuais’, que são compreendidos como representações criadas pela atividade de linguagem, também chamados de mundos discursivos. Com base nas considerações de BRONCKART (1999, p. 130 e 131), procuramos explicitar as vozes bronckartianas e suas características:

- Voz do autor empírico: consiste na voz do autor que, de fato, produziu o texto.



- Vozes sociais: corresponde às vozes de outras pessoas e/ou instituições (a voz da igreja, a voz da Justiça, dentre outras) exteriores ao conteúdo temático do texto.
- Vozes de personagens: concernem às vozes de pessoas ou instituições que estão implicadas no texto.

Esclarecidas as duas categorias em que centraremos nossa análise, ressaltamos que estas correspondem apenas a um recorte estabelecido por nós, visto a natureza sucinta deste ensaio. Entretanto, existem outros aspectos discursivos que também poderiam ser discutidos numa pesquisa mais aprofundada.

## ANÁLISE DE RESULTADOS

O *corpus* de nossa análise consiste em uma produção textual – uma dissertação argumentativa em prosa, motivada pelo tema "Democratização do acesso ao cinema no Brasil" – avaliada como nota máxima no Enem 2019. Vale destacar que a nota atribuída ao texto não concerne apenas às qualidades discursivas da produção, mas às competências gramaticais e organizacionais que também são aferidas no exame. Nesta análise, não nos dedicaremos a elas. O texto foi disponibilizado na web pela própria autora e figura, na íntegra, em vários sites especializados e em nossas referências bibliográficas. Desta forma, para sistematizar a nossa apreciação, citaremos somente os excertos que nos interessam para a discussão.

Em relação ao tipo de discurso predominante no *corpus*, verificamos a predominância do discurso teórico, haja vista a ausência de referência aos participantes da interação: não há um interlocutor claro, nem mesmo um autor empírico verbalmente implicado. Ademais, não há indícios de tempo, espaço ou contexto de produção, como podemos atestar neste fragmento do primeiro parágrafo “*Nota-se que muitos cidadãos não usufruem dessa prerrogativa, tendo em vista que uma grande parcela social não tem acesso ao cinema.*”(ALVES, 2020). Nele, por exemplo, quando a autora afirma que não há usufruto da prerrogativa do acesso ao cinema, não há indícios do contexto dessa produção: desde quando não há esse acesso? Quem corresponde a essa ‘grande parcela’? O não aproveitamento deste direito atribui-se a que tempo? É necessário reforçar que a falta dessas marcas contextuais não se configura como um problema na situação comunicativa a qual o exame se insere, elas apenas corroboram para que percebamos a opção do autor empírico em deixar seu texto mais objetivo, adotando em sua produção,



desta forma, mesmo sem saber, o discurso teórico. Na leitura da produção como um todo, observamos a dominância desse tipo de discurso, o que nos permite inferir que a ação linguageira aqui debatida encontra-se no mundo do expor e estabelece uma relação de não implicação com seu autor empírico, ou seja, uma relação de autonomia.

No que se refere às vozes enunciativas, percebemos um apagamento da voz do autor empírico. É constante o uso do de formas verbais impessoais, conjugadas na 3ª pessoa do singular, como em “*nota-se que muitos cidadãos não usufruem dessa prerrogativa,*” (ALVES, 2020) e em “*Efetivamente, é notório o desacordo que existe entre o que é assegurado pela Constituição e a realidade do país*” (ALVES, 2020). Percebemos que, mesmo sem marcar sua voz, de forma sutil o autor posiciona-se acerca do que diz a partir de modalizações apreciativas, como o uso dos adjetivos “*nefasto*” e “*grande*” em “*Esse nefasto paradigma atesta, sobretudo, uma grande desigualdade no acesso à cultura do país,*” quando avalia a situação do acesso ao cinema no Brasil, por exemplo. Logo, constatamos que, mesmo tentando afastar sua voz, o autor empírico imprime marcas de sua opinião no texto.

Em contrapartida, conseguimos perceber que outras vozes emergem no texto, como no trecho: “*Além disso, vale ressaltar que tal desigualdade fere a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, a qual assegura a produção cultural e lazer como um direito de todos.*” (ALVES, 2020). Na tentativa de validar seu ponto de vista, ALVES (2020) busca outras vozes, o que podemos interpretar – de acordo com os pressupostos do ISD – como uma voz social, visto que compete a um documento – a Declaração Universal de Direitos Humanos – que assinala um posicionamento ideológico que não é exclusivo de alguns indivíduos, mas pertencem a uma coletividade.

Um outro trecho que chama a atenção na construção do texto é a conclusão. Embora o gênero específico aferido no Enem exija a sugestão de uma proposta de intervenção que venha contribuir positivamente para o problema social discutido, o autor empírico do texto não se coloca como um agente modificador da sociedade. Verificamos que ele delega a responsabilidade interventiva a outros agentes, como o Governo e as unidades de ensino, como podemos ver nos excertos “*cabe ao poder público intensificar os investimentos no acesso à produção cultural do país*” (ALVES, 2020) e “*as instituições de ensino, como as escolas e as universidades, devem promover a democratização do acesso ao cinema*” (ALVES, 2020). Tal afastamento acontece por



meio da adoção do discurso teórico e da relação de autonomia que o autor empírico estabelece com o texto quando escolhe não se implicar verbalmente nele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das apreciações aqui apresentadas, podemos inferir que, no que tange à discursividade, os autores de produções textuais submetidas ao Exame Nacional do Ensino Médio e avaliadas como excelentes adotam o discurso teórico em sua composição, assumindo um lugar de distanciamento das ações expressas naquela ação de linguagem. A priorização desse tipo de discurso aliada à sobreposição de uma voz social em detrimento de uma voz empírica também reforça a intenção do autor em não se implicar no texto. Esses recursos demonstram a intenção do autor em dar um ar de impessoalidade à produção, o que lhe conferiria mais credibilidade diante de seus avaliadores.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que não nos firmamos na análise organizacional do texto nem em seus mecanismos enunciativos, pois este não é o cerne da nossa investigação, entretanto este recorte que pode ser privilegiado em análises futuras.

**Palavras-chave:** Intencionismo sociodiscursivo; Enem; Produção textual

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nayara. Enem 2019: veja redações nota 1000 e as dicas dos estudantes. **Brasil Escola**. Disponível em <<https://s5.static.brasilescuela.uol.com.br/enem/2020/03/redacao-nayra-alves.jpeg>> Acesso em: 26 de julho de 2020.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 1999.

KLAUTAU, Eneida L. G. Mecanismos enunciativos: um traço da hierarquia organizacional nos escritos de trabalho. **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011, p.186-200

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva sociointeracionista de Bronckart. In: MAUER, J.L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D.(Org). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.237-259.